



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



STEFAN MÜLLER SOARES DE MOURA

A CONSTRUÇÃO DE UM IDEAL, A RUPTURA DE UMA LÓGICA:

Uma análise sobre a gestão do Diretório Acadêmico em 2016

Limeira
2018



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



STEFAN MÜLLER SOARES DE MOURA

A CONSTRUÇÃO DE UM IDEAL, A RUPTURA DE UMA LÓGICA:

Uma análise sobre a gestão do Diretório Acadêmico em 2016.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração Pública à Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carolina Cantarino Rodrigues

Limeira
2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas
Renata Eleuterio da Silva - CRB 8/9281

M865c Moura, Stefan Müller Soares de, 1991-
A construção de um ideal, a ruptura de uma lógica : uma análise sobre a gestão do Diretório Acadêmico em 2016 / Stefan Müller Soares de Moura. – Limeira, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Carolina Cantarino Rodrigues.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas.

1. Movimento estudantil. 2. Emancipação. 3. Gênero. 4. Sexualidade. 5. Democracia. I. Rodrigues, Carolina Cantarino, 1977-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Aplicadas. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: The construction of an ideal, the break of a logic: an analysis about the Academic Centre management in 2016

Palavras-chave em inglês:

Student movement

Emancipation

Gender

Sexuality

Democracy

Titulação: Bacharel em Administração Pública

Data de entrega do trabalho definitivo: 13-12-2018

Autor: Stefan Müller Soares de Moura

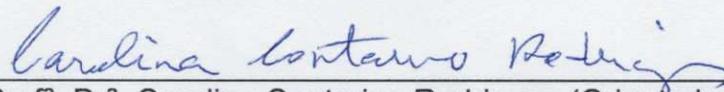
Título: A construção de um ideal, a ruptura de uma lógica: Uma análise sobre a gestão do Diretório Acadêmico em 2016.

Natureza: Trabalho de Conclusão de Curso em Administração Pública

Instituição: Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas

Aprovado em: 13 / 12 / 18.

Este exemplar corresponde à versão final do Trabalho de Conclusão de Curso aprovado.



Prof.ª. Dr.ª. Carolina Cantarino Rodrigues (Orientadora)
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Dedico este trabalho ao movimento estudantil da Faculdade de Ciências Aplicadas, que fez florescer um sentimento de mudança e que aos poucos não coube mais em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às amigadas que foram constituídas durante a graduação e que possibilitaram nossa ação política no decorrer destes anos, vínculos sólidos que nos tornaram mais fortes para suportar com alegria nossos desafios.

Agradeço aos meus familiares, em especial meus pais e meus irmãos, que acolheram com muita sensibilidade e maestria os meus desejos e confiaram em todo meu processo.

Agradeço à minha orientadora, que soube me ouvir e que ajudou a organizar meus pensamentos com potencialidade, a fim de que eu pudesse materializar minhas ideias.

Por fim, agradeço ao curso que as coisas se deram, às experiências que se somaram na minha formação, e que trouxeram sentido neste período da minha vida.

“É preciso ter o caos dentro de si para dar nascimento a uma estrela”
Friedrich Nietzsche

MOURA, S. M. S. **A construção de uma ideal, a ruptura de uma lógica: Uma análise sobre a gestão do Diretório Acadêmico em 2016**. 2018. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração Pública) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2018.

RESUMO

O movimento estudantil da Faculdade de Ciências Aplicadas atravessa um momento ímpar de sua história em 2016, a partir da maior greve que a Unicamp presenciou com mobilizações estudantis para reivindicar a adoção de cotas sociais e raciais no vestibular. Ao traçar um olhar sobre a dinâmica da Gestão Ruptura do Diretório Acadêmico, busca-se abordar os métodos de sua organização através das campanhas realizadas, da interação política com a base estudantil e em suas estratégias de aglutinação. Além disso, percebe-se a dinâmica potencializadora externa do movimento grevista, de sua conformação e a partir disso como deve agir a vanguarda política da FCA para que o movimento estudantil fosse coletivizado. Ao passo que a mobilização avança na construção democrática do espaço da faculdade, pensando e discutindo sua lógica, formula políticas públicas por do fora do Estado, de baixo para cima, pressionando a burocracia que as adotem, ampliando a participação dos sujeitos no processo do desenho e implementação das políticas reivindicadas por meio das vozes populares.

Palavras-chave: Movimento estudantil. Emancipação. Gênero. Sexualidade. Democracia.

MOURA, S. M. S. **The construction of an ideal, the break of a logic: An analysis about the Academic Centre management in 2016.** 2018. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração Pública) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2018.

ABSTRACT

The student movement of the School of Applied Sciences passes through an odd moment in its history in 2016, as from the biggest strike Unicamp had ever experienced with a student mobilization to claim the adoption of the social and racial quotas at the entrance exam. Drawing a view on the Ruptura's management dynamic at the Academic Centre, seeks to approach its organization's methods throughout the realized campaigns, its political intentions with the student base and in its agglomeration's strategy. Besides that, it's realized the external potentiality dynamic of the striker movement, its configuration and from this, how must act the School of Applied Sciences' political vanguard with the objective that the student movement would be embracing. Whereas the mobilization progresses in the democratic construction of the spaces in the college, thinking and discussing its logic, formulate public policies outside the State, upwards, pressing the bureaucracy to adopt them, expanding the subjects' participation in the drawing process and the implementation of the policies claimed by the popular voices.

Keywords: Student movement. Emancipation. Gender. Sexuality. Democracy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DA	Diretório Acadêmico
FCA	Faculdade de Ciências Aplicadas
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

Sumário

1.	INTRODUÇÃO	11
2.	O MOVIMENTO ESTUDANTIL DA FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS	12
2.1.	<i>A Emergência da Gestão Ruptura</i>	12
2.2.	<i>Discutindo Gênero e Sexualidade.....</i>	16
2.3.	<i>O Planejamento do Diretório Acadêmico</i>	19
2.4.	<i>A participação política do Diretório Acadêmico</i>	20
2.5.	<i>Campanhas do Diretório Acadêmico.....</i>	21
3.	O MOVIMENTO DE GREVE DA FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS.....	21
3.1.	<i>O Alvorecer da Mobilização e a Emancipação Estudantil</i>	22
3.2.	<i>Atuando na Greve.....</i>	24
3.3.	<i>As Decisões Coletivas</i>	26
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objeto de estudo a gestão Ruptura, responsável pela direção do Diretório Acadêmico em 2016.

Primeiramente apresenta-se a dinâmica do movimento estudantil na FCA e como emerge a gestão Ruptura, buscando compreender a composição deste grupo e quais pautas políticas seriam encampadas.

Além disso, este trabalho procura tocar na discussão de gênero e sexualidade na faculdade e quais foram os critérios para as escolhas das campanhas e seus direcionamentos. Como o Diretório Acadêmico percebe a ação do Estado por meio da burocracia da Universidade e quais narrativas são constituídas para ampliar o diálogo do movimento estudantil e propor pautas.

Discute-se a ebulição do movimento de greve e seus métodos de organização em torno das pautas reivindicadas pelo conjunto de estudantes, a forma pelo qual era estabelecido o diálogo, a aproximação do DA com os estudantes da FCA e como as pautas são elaboradas neste período.

Por fim, avalia-se como políticas públicas podem ser propostas através de grupos sociais exteriores à própria disposição burocrática, e como o movimento social tem o poder para pressionar as estruturas estabelecidas na trilha da adoção de tais reivindicações.

2. O MOVIMENTO ESTUDANTIL DA FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS

2.1. *A Emergência da Gestão Ruptura*

A Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp em Limeira, inaugurada em 2009, encontra-se em constante desenvolvimento e amadurecimento de suas atividades políticas, tendo o movimento estudantil se mobilizado constantemente desde sua criação.

Até o ano de 2016, nenhuma greve estudantil havia ocorrido na FCA. As gestões passadas do Diretório Acadêmico haviam se apoiado diretamente na força de mobilização do Diretório Central dos Estudantes (DCE) em busca das conquistas mais essenciais do campus, como criação do restaurante universitário, dentre outras, mas ainda sim com um baixo poder de diálogo e envolvimento com as pessoas que aqui estudavam.

Os registros das assembleias realizadas a fim de discutir assuntos relevantes para a FCA e a Unicamp eram espaços esvaziados, ou quando aglomeravam mais pessoas os debates eram orientados para uma visão conservadora diante dos temas, atingindo pouca mudança em termos gerais na faculdade.

Um grupo de estudantes articulou, então, a chapa Ruptura, para concorrer ao Diretório Acadêmico em 2016. Esses estudantes contavam com uma experiência de militância política na universidade e na cidade de Limeira. Por exemplo, na luta contra o aumento de salários de vereadores de 103%, em que a população derrotou na Câmara, após grande resistência e denúncia, aprovando a resolução nº 26/2015 que revoga a resolução nº 608/2015 que previa o aumento dos salários dos vereadores do Município de Limeira. Todo esse processo na cidade de Limeira/SP trouxe um fôlego para os movimentos sociais, no sentido de repensar a necessidade da organização coletiva para uma maior participação pública na política no âmbito municipal.

Neste mesmo ano a discussão de gênero e sexualidade emerge com força na cidade por conta do Plano Municipal de Educação do município. Um vereador limeirense propôs um projeto de lei que proibia tal discussão no âmbito do ensino municipal, a chamada “Emenda da opressão”, que gerou grandes embates nos

espaços institucionais de Limeira através de atos públicos, reuniões e discussões com a população limeirense, o que levou à revogação da emenda à Lei Orgânica nº 03/2015, colocando publicamente a ilegalidade de tal proposição, além de demonstrar a força do movimento que debatia gênero e sexualidade.

Por fim, o movimento de ocupação das escolas estaduais de São Paulo contra a reorganização do governo Alckmin levou à revogação do Decreto nº 61.672, de 30 de Novembro de 2015 que dispunha tal política. Estudantes secundaristas de todo o estado de São Paulo, inclusive com ocupação da escola Ely de Almeida Campos no centro da cidade de Limeira, se organizaram para combater uma política antidemocrática e autoritária com grande resistência e luta, ressignificando a opinião popular sobre o projeto, demonstrando a força da juventude. Esse processo sacudiu todas as minhas estruturas internas ao olhar para o mundo e perceber a força da organização política em direção a um ideal coletivo.

Numa conversa noturna após o horário de aula em um pequeno evento da Semana Cultural, promovida pelo DA em 2015, discutindo algumas práticas vigentes da FCA, entre elas a proibição de adentrar a Faculdade após às 23h, a impossibilidade de permanecer nos laboratórios após as 22h30, a precariedade das linhas do Intercampi, a inexistência de um circular noturno, a inutilização das quadras de esportes, a falta de promoção de eventos culturais e políticos no campus, um grupo de estudantes entendeu que era necessário romper esta lógica. Assim, por um “insight”, surge a palavra que daria nome a nossa futura Gestão: Ruptura.

Transbordava um sentimento de mudança nos corações dos estudantes que compunham a Gestão Ruptura do Diretório Acadêmico em 2016, tanto é que o nome escolhido pela chapa eleita em dezembro de 2015 fora Ruptura, que em seu significado mais cru diz: “1: ação ou efeito de romper(-se); rompimento, fratura, quebra 2: interrupção de continuidade; divisão, corte 3: quebra de relações sociais ou compromissos 4: violação ou infração de contrato ou acordo [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1686)

A chapa vence as eleições sem nenhum outro grupo formalmente organizado na disputa. Seria esse um sintoma do desinteresse pela política na Faculdade? A desesperança de uma mudança na dinâmica entre os estudantes? No entanto, no

seio do grupo, agitava-se a vontade de transformar o espaço universitário, a partir da movimentação política.

A gestão Ruptura era formada por estudantes, em sua grande maioria, dos cursos de Administração e Administração Pública, e tais pessoas já vinham formando o movimento estudantil da FCA há algum tempo. O grupo era composto por mulheres, LGBTs, pessoas negras e militantes de causas sociais que estavam ligados a movimentos sociais externos, além de membros que não possuíam nenhuma experiência política mais organizada. O vínculo que uniu um grupo tão diverso foi a necessidade de enfrentar coletivamente os desafios sociais colocados naquele período para a universidade.

Politicamente eu estava próximo ao movimento estudantil denominado Oposição de Esquerda da UNE, que se colocava contra o projeto conciliador dentro da universidade e tinha como narrativa a ruína das velhas estruturas em busca de algo novo, radical. O projeto conciliador estava baseado na política neoliberal dos governos estadual e federal, principalmente, que dispunha da Educação e conseqüentemente da Universidade Pública enquanto mercadoria, em que a lógica do capital está acima da qualidade do ensino.

Além disso, eu estava organizado no Coletivo Domínio Público, movimento político de juventude, em que vários de seus membros compunham diversos centros acadêmicos e inclusive o Diretório Central dos Estudantes da Unicamp. Isso trazia uma grande proximidade política entre os acontecimentos dos campi da Unicamp, Barão Geraldo/Campinas, FOP/Piracicaba e Limeira. Os debates eram realizados por meio das reuniões do coletivo que planejavam estratégias mais amplas para a Unicamp e que eram levadas como propostas para os centros acadêmicos, no caso, para o Diretório Acadêmico, conectando as organizações e coletivos para uma ação unificada dentro da Universidade e também em ressonância com os acontecimentos políticos estaduais e nacionais.

Buscamos então romper com a lógica do entendimento forçado entre estudantes e a estrutura burocrática da Universidade, ou seja, a de que os estudantes deviam concordar com as diretrizes da universidade, uma vez que, até então, concordar não havia garantido direitos. Nesse sentido, a gestão tinha enquanto direcionamento

disputar um novo olhar sobre a mesma paisagem, adotando uma concepção de política que ousa discordar e criar dissensos nos consensos estabelecidos (PELLEJERO, 2009). Tratava-se portanto de adotar o dissenso (RANCIÉRE) dentro do espaço acadêmico, onde estávamos tão acostumados a concordar, não questionar o que estava sendo pensado e implementado.

Até então as gestões passadas do Diretório Acadêmico haviam conquistado pautas específicas, mas tendo que estabelecer o máximo de coesão com a burocracia universitária, uma vez que, havia pouca disposição estudantil em estabelecer conflitos em nome de conquistas maiores. Ano após ano as gestões vieram ampliando a participação do movimento estudantil na faculdade, cada vez mais contrapondo os discursos e rompendo com os consensos que ali estavam decididos, mas havia baixo apoio estudantil em tais ações.

Ainda assim, o Estado, por meio da burocracia universitária, introjetava nos espaços sociais mecanismos de discussões orientados em bases racionais e lógicas, tantas vezes limitantes, lançando um véu democrático e participativo ilusório.

O entendimento nos espaços formais da Universidade está orientado muitas vezes por um tecnicismo exacerbado, empecilhos burocráticos com o intuito de conservar o que está colocado, e minar as ideias que se expressam nos dissensos. A vontade em discutir a política com o conjunto de estudantes fora desses espaços excessivamente controlados e restritivos, reorientava para uma ação voltada para a prática, alterando o fluxo que até então é estabelecido, que nos limita enquanto receptores de regras.

Foi assim que a Gestão Ruptura buscou materializar seu discurso, pela radicalidade, pressionando, com as pautas do movimento estudantil, as instâncias decisórias da FCA.

Vale lembrar que a Gestão Ruptura foi marcada por muitos debates internos, às vezes eram necessárias reuniões acaloradas e conflituosas em defesa de qual linha deveríamos seguir, e outras vezes convergíamos na concretização das pautas. Este mesmo desacordo pairava sobre o que deveria ser feito, implementado ou realizado. Vivenciávamos, assim, a democracia na prática, debatendo as pautas e como elas

seriam apresentadas e articuladas com o conjunto de estudantes, principalmente aquelas relacionadas ao gênero e à sexualidade.

2.2. *Discutindo Gênero e Sexualidade*

Nosso primeiro grande acordo foi a necessidade de debater opressões em nossa gestão, isso era romper com a disposição estabelecida e projetar outra imagem do Diretório Acadêmico de 2016: Contra o racismo, machismo e LGBTfobia. O primeiro símbolo, ou ato público de nossa gestão, foi o logo da Ruptura, que era uma mulher negra e LGBT, dentro de um símbolo feminino rompendo o horizonte e livre, com um seio à mostra.

Na prática criamos uma campanha de recepção de ingressantes junto com o DCE Unicamp com os dizeres “Veterano não é dono de ninguém”. O objetivo era desconfigurar a lógica de trotes embasados em opressões, e ao mesmo tempo afirmar que o fato de alguém estar na universidade há mais tempo não justifica ou legitima hierarquizar a relação com aqueles que estão ingressando. A finalidade dessa campanha foi pensada para quem havia ingressado até 2015, divulgada nas redes sociais, demarcando um posicionamento ideológico enquanto entidade estudantil da Faculdade de Ciências Aplicadas contra qualquer forma de opressão, e denúncia dos possíveis trotes opressores de 2016.

Existia um grande consenso social sobre a lógica desses trotes, sendo que organizações e estudantes estavam sempre a reproduzir comportamentos nessa direção. Quando a gestão diz não a uma situação que sempre ouviu sim, estabelece-se um dissenso, buscando-se discutir algo que parece estar naturalizado, enraizado e que não deve ser mudado.

Para analisar como funcionava a própria dinâmica institucional na FCA, recorriamos às disciplinas sobre gestão de nossos cursos de graduação. Observávamos assim a cultura organizacional da faculdade, sua estrutura diária e funcionamento “[...] que visa conformar condutas, homogeneizar maneiras de pensar e viver a organização, introjetando uma imagem positiva dela, onde todos são iguais, escamoteando as

diferenças e conflitos inerentes a um sistema que guarda um antagonismo e anulando a reflexão” (FREITAS, 1991, p. 74).

Tal cultura empobrece a dinâmica da Universidade, pois padroniza os pensamentos, limita o contato com o outro, não permite as divergências das ideias que brotam dos embates cotidianos. Essa lógica tende a funcionar na contramão do que é a Universidade, um espaço pensado para que haja multiplicidade das ideias, comportamentos e vivências a fim de dialogar com as problemáticas sociais de maneira democrática em busca de resoluções coletivas.

Tocar nas discussões de gênero e sexualidade dentro da Faculdade de Ciências Aplicadas tornou-se então uma das principais tendências do Diretório Acadêmico, devido à recorrência do tema dentro dos nossos espaços e de sua pluralidade de entendimentos.

Os conceitos de gênero e sexualidade problematizam os modos pelos quais as características sexuais são entendidas nas práticas sociais e históricas. Nesse sentido, é necessário recolocar o debate no campo do social, já que é nele que são estruturadas e reproduzidas as relações, muitas vezes desiguais, entre coletivos e sujeitos. Tais desigualdades não devem estar respaldadas nas diferenças biológicas, mas sim nas disposições sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, em suas formas de representação (LOURO, 1997, p.22-23).

O que os estudos sobre gênero e sexualidade afirmam, portanto, é que seus significados e sentidos não estão dados, mas fazem parte de um processo de constantes mudanças e transformações sociais:

“Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe (...)” (LOURO, 1997, p.28)

Assim, ao estabelecer a comunicação entre a Gestão Ruptura e a comunidade estudantil sobre tais temas, pensávamos que era possível tecer uma linearidade nas

trocas de informação, acreditando que o que era emitido estava sendo assimilado conforme nosso planejado. No entanto, pudemos perceber que a comunicação não obedece tais regras, sendo que a parte emissora não possui controle do que é absorvido, pois a mensagem é incorporada a partir da visão de mundo da pessoa que a recebe, e assim cria seu próprio sentido.

As campanhas de gênero e sexualidade foram estruturadas para que a Faculdade de Ciências Aplicadas absorvesse a importância de tal debate, tornando este o principal objetivo a ser atingido. Para isso diversas atividades foram realizadas: em meados de fevereiro de 2018, ainda no período de férias, optamos por construir três textos dando boas vindas às mulheres, estudantes negros/as e LGBTs. Aqui o objetivo era formar um ambiente de segurança para estas pessoas. Pensamos em nos colocar enquanto uma entidade acolhedora das denúncias de violência, e encaminhar para as instâncias responsáveis. Nossa ideia era reforçar para a comunidade estudantil a necessidade de superar um discurso fundamentado em ideias tão arcaicas e romper com o ciclo de violência de gênero e sexualidade na FCA.

A elaboração do Manual da Calourada continha uma série de imagens reforçando a necessidade de se discutir gênero e sexualidade, como desconstrução de padrões que a sociedade, por um lado continuava a reforçar, e por outro os movimentos sociais queriam romper. O manual foi entregue para as pessoas ingressantes de 2016, e era uma mistura entre informações concretas e práticas, combinadas com debates de opressões e um chamado para a organização estudantil.

Como forma de legitimar constantemente as discussões em torno de gênero e sexualidade, promovíamos mesas de discussões sobre os temas, exibição de filmes temáticos, festas que abordassem de forma indireta através de imagens e representatividade nos espaços, para que despertasse sensivelmente em algum grau o olhar para estas questões.

Alteramos o logo do DA para uma mulher negra e LGBT, e deixamos para trás o pirata, que para nós refletia a imagem padrão de um homem branco e heterossexual. Isso se deu pelo fato que aquele logo só reforçava uma lógica que

estávamos buscando ruir, e tal mudança simbólica foi extremamente importante para nós. Torna-se evidente, nesse contexto, a relação entre estética e política:

“De fato, para Rancière existe na base de toda a política uma <<estética>>. Isso não significa que Rancière partilhe a ideia de uma <<estetização da política própria da idade das massas>>. Significa, simplesmente, que toda a política se funda sobre o que se pode ver e o que se pode dizer, sobre quem tem a competência para ver e a qualidade para dizer, sobre as propriedades dos espaços e os possíveis do tempo: a política é, mais que nada, uma partilha do sensível desse tipo (Rancière apud Pellejero, 2009, p. 25).

De algum modo, a adoção do tema gênero e sexualidade estava relacionado a um contexto mais amplo, no qual os movimentos sociais progressistas vinham debatendo intensamente gênero e sexualidade a partir das ações e realização de atos por todo Brasil. Esses movimentos influenciaram outros movimentos sociais, pressionando para que houvesse posicionamento sobre tais temas, principalmente dos movimentos estudantis. Por isso, o Diretório Acadêmico priorizava os métodos de planejamento e execução destas ideias.

2.3. O Planejamento do Diretório Acadêmico

Utilizávamos um método organizacional para o planejamento dos próximos passos nas reuniões do DA antes das aulas noturnas, e nos pós-aula, às vezes rompíamos a madrugada discutindo juntos como seriam nossas ações em busca de nossas pautas. Era o que possuíamos enquanto referência teórica e o que tínhamos enquanto potência coletiva, dado que, muitos estudantes da gestão Ruptura cursavam Administração ou Administração Pública, tendo disciplinas obrigatórias de gestão e planejamento.

Neste ritmo, desenvolvíamos métodos para atuar na realidade da universidade, levando em consideração a dinâmica existente, nossas potencialidades e como amplificar o discurso do movimento estudantil no âmbito universitário.

Enquanto entidade de organização estudantil e tendo em vista a limitação de recursos que possuíamos, surgia uma necessidade de afinar nossa atuação e convergir às ideias para um objetivo central, o que traria mais resultado que a multiplicidade de propostas. Assim, era necessário considerar o planejamento e a

execução na direção dos resultados almejados para interagir com a ação política na faculdade.

2.4. *A participação política do Diretório Acadêmico*

Uma das apostas do Diretório Acadêmico era a de que o movimento estudantil poderia criar uma nova realidade – um dissenso em relação aos consensos estabelecidos - para a Faculdade de Ciências Aplicadas a partir da organização estudantil, construindo de forma autêntica as reivindicações e lutas em torno do nosso ideal. Rancière conceitua como dissenso, trazendo elementos para pensar esse modo de racionalidade:

“A escolha desse termo não busca simplesmente valorizar a diferença e o conflito sob suas diversas formas: antagonismo social, conflito de opiniões ou multiplicidade das culturas. O dissenso não é diferença dos sentimentos ou das maneiras de sentir que a política deveria respeitar. É a divisão do núcleo mesmo do mundo sensível que institui a política e a sua racionalidade própria. Minha hipótese é a de um mundo comum instituído, tornando comum, pela própria divisão.” (RANCIÈRE, 1996, p. 368)

Foi assim que o DCE Unicamp 2016 apresentou enquanto proposta da Calourada o tema “Ocupe a Universidade”. Era necessário retomar o debate em torno da representação social deste espaço, principalmente em relação à população pobre e negra, em que socialmente é estabelecido um consenso de que estes grupos não devem estar nas salas de aula da Universidade. Assim, existia a vontade de se opor à estrutura social e racial da Unicamp, com o intuito de democratizar o espaço público:

“A igualdade é ao mesmo tempo o princípio último de toda a ordem social e governamental e a causa excluída do seu funcionamento ‘normal’. Não reside nem num sistema de formas constitucionais nem num estado dos costumes da sociedade, nem na educação uniforme dos filhos da república nem na disponibilidade dos produtos a baixo preço nos supermercados. A igualdade é fundamental e ausente, é atual e intempestiva, sempre remetida à iniciativa dos indivíduos e dos grupos que, contra o curso ordinário das coisas, assume o risco de verificá-las, de inverter as formas, individuais e coletivas, da sua verificação (RANCIÈRE 2004b). Igualdade e emancipação, elementos fundamentais do método pedagógico de Jacocot, devem assim os elementos fundamentais da luta democrática” (Pellejero, 2009, p. 22 - 23)

Com a aposta nas atividades culturais na faculdade, em especial os luaus que ocorriam após as aulas noturnas, o DA foi se aproximando dos estudantes, e assim divulgando os ideais relativos ao que estava acontecendo externamente, mas

também dentro da Unicamp. Assim, a Gestão Ruptura apostava na força das ideias que pudessem ser propagadas através das campanhas na FCA em todos os espaços que o DA pudesse estar presente, e que aos poucos trariam para o centro da discussão as questões de gênero e sexualidade, assim como as questões da composição social e racial da Unicamp.

2.5. *Campanhas do Diretório Acadêmico*

Havia muita confiança na potencialidade das campanhas realizadas e em seu alcance de forma qualitativa, sendo que ao passo que a entidade ia inserindo as pautas dentro do contexto universitário, as reivindicações aos poucos se legitimavam e criavam no movimento segurança sobre os temas discutidos para se posicionar publicamente.

Ressalto aqui que, por vezes, houve, nas ações do Diretório Acadêmico, uma hierarquização entre o movimento estudantil e a comunidade universitária, na qual o primeiro foi entendido como detentor do debate e o segundo receptor de conteúdo.

Partindo do pressuposto que de que seria possível passar fielmente a nossa percepção, estávamos sempre lidando com sensação de apatia dos estudantes. Sejam pelas inúmeras atividades da greve que exigiam das pessoas outras prioridades; seja pela forma com a qual dialogávamos com os demais estudantes, de qualquer forma discutíamos para nós mesmos, reforçando ideias para nós mesmos, legitimando discursos para nós mesmos. Pensávamos que isso daria em algum lugar, pois, ao mesmo tempo em que o discurso ia expandindo de forma lenta e gradual - pelos cartazes, em nossas redes e em nossos manuais – sutilmente também ia afetando coletivamente as pessoas para repudiar certos comportamentos opressores.

Mesmo que os espaços fossem esvaziados, ou com a ausência de espectadores, ali sempre existia alguém observando a ação do movimento, a orientação que era transmitida, tornando todos ao mesmo tempo atores e espectadores, o que destoava da lógica propagada na FCA.

De alguma maneira, através dos debates que estavam sendo gerados, o movimento grevista se fortalecia na FCA e aos poucos ia equalizando as vozes na direção da Greve. A combinação das campanhas com as atividades culturais possibilitou que um número maior de pessoas entrasse em contato com a gestão e ao mesmo tempo acelerou a propagação dos ideais do DA, já que os eventos culturais favoreciam a vivência universitária, a noção de ocupação do espaço público e permitia pensar outra forma de organização da própria FCA e refletir sobre as decisões da universidade para os estudantes. Em Barão Geraldo, as mobilizações por cotas sociais e raciais e contra os cortes de orçamento da Reitoria já borbulhavam entre a comunidade universitária.

3. O MOVIMENTO DE GREVE DA FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS

3.1. *O Alvorecer da Mobilização e a Emancipação Estudantil*

As mobilizações em torno da greve na Unicamp tiveram início em meados de maio de 2016, com as reivindicações do movimento estudantil por cotas sociais e raciais no vestibular, devido a um intenso movimento, resultado de anos de discussão. As pichações racistas que apareceram no campus impulsionaram o movimento rumo à greve.

Havia também outras reivindicações: a ampliação da moradia e permanência estudantil e contra os cortes do orçamento da Universidade. Nesse contexto surge a questão dos supersalários e o discurso da crise, que atinge somente aqueles estudantes que dependem de ajuda assistencial da universidade, uma vez que os cortes seguem um critério político, retirando direitos de estudantes por meio de corte de bolsas em razão da manutenção dos altos salários de funcionários e docentes.

Com o crescimento do movimento, ocorrem assembleias em todos os institutos e faculdades da Unicamp, com deliberações de paralisação e greve, levando por fim à ocupação do prédio da Reitoria. Esse conjunto de eventos refletiu na Faculdade de Ciências Aplicadas, levando o DA a pensar em sua própria dinâmica e se incorporar na mobilização.

Logo o movimento de greve na FCA vai criando sua própria narrativa sobre os fatos, ressignificando o papel do estudante dentro da Faculdade de Ciências Aplicadas, que torna-se um ser político pensante que pode emitir opinião e decidir os rumos da situação apresentada, desenvolver coletivamente outro debate para além do discurso comum circulante na faculdade e pensar democraticamente sua participação.

Com a crescente mobilização pela Unicamp, a gestão Ruptura busca, através de eventos como os luaus, mencionados anteriormente, aproximar da base estudantil e capitalizar forças em direção à greve. Era o desejo do Diretório Acadêmico, a tomada da ação pelo movimento estudantil rompe com disposição da lógica da Universidade, rejeitando a posição de aparente passividade perante a burocracia universitária, negando o paradoxo do espectador:

“Ora, como dizem os acusadores, é um mal ser espectador, por duas razões. Primeiramente, olhar é o contrário de conhecer. O espectador mantém-se diante de uma aparência ignorando o processo de produção dessa aparência ou a realidade por ela encoberta. Em segundo lugar, é o contrário de agir. O espectador fica imóvel em seu lugar, passivo. Ser espectador é estar separado ao mesmo tempo da capacidade de conhecer e o poder de agir.” (RANCIÈRE, 2012, p. 8)

Tais discussões extrapolavam os imagináveis delineamentos da gestão do Diretório Acadêmico, agitando os estudantes, e assim participavam da formulação e direcionamento da política, efetuando a condição cidadã, de acordo com a definição por Aristóteles em seu livro III da política:

“‘Um cidadão em geral é aquele que participa do ato de governar e do de ser governado’. Essa definição pode nos parecer anódina porque a entenderemos através dos temas banalizados da reciprocidade dos direitos e dos deveres de cada um e de todos. Mas cumpre ver que, em sua enunciação primeira, ela afirma algo propriamente inusitado: uma capacidade dos contrários, uma igual capacidade de ser o agente de uma ação e a matéria na qual ela se exerce. A lógica da ação de governar supõe normalmente o que a lógica de toda ação supõe: o exercício de uma potência própria do agente sobre uma matéria apta a receber seu efeito e somente a isso. Ela supõe portanto uma potência específica do comando que se exerce sobre uma matéria, a qual apresenta propriedades que a dispõem especificamente a receber o efeito de tal comando. Supõe, em suma, o poder de uma superioridade determinada sobre a inferioridade que lhe corresponde.” (RANCIÈRE, 1996, p. 368 - 369)

Ao deparar-nos com tal situação nos resta o vislumbre de algo que nunca havia acontecido na história do movimento universitário da Faculdade de Ciências

Aplicadas, a maior unidade da Unicamp, até então mais conservadora: ela ensaiava sua primeira greve.

Assim a Gestão Ruptura se vê nos paradoxos entre controle/hierarquização e democracia/participação, ou seja, estabelecer o controle torna-se um grande desafio num ambiente que tem como proposta de desenvolvimento um ideal democrático.

Logo, era necessário abrir mão do controle do movimento e conseqüentemente da vanguarda, para que outras pessoas adentrassem na mobilização e trouxessem novas perspectivas do conjunto de estudantes. Para isso, o Diretório Acadêmico diluiu-se no Comando de Greve e adota as estratégias apresentadas nas reuniões sem abrir mão das pautas reivindicadas.

3.2. *Atuando na Greve*

O processo de articular ideias foi primordial para sustentar a nova performance do movimento estudantil naquele momento, imprimindo o que está contido no plano das ideias para a linguagem e prática. Era necessário utilizar todo conhecimento coletivo, neste caso o conteúdo dos cursos de gestão, para que formássemos um sólido pensamento que pudesse suportar a pressão externa. Era como costurar entre pessoas diferentes uma ideia que tinha poder aglutinador, observando o que havia de comum e que pudesse ser potencializado.

Com a formação do Comando de Greve com diversos estudantes, e em sua grande maioria dos cursos de Administração e Administração Pública, foi necessário readequar o debate de vanguarda do Diretório Acadêmico referente à política, para dar espaço aos estudantes que traziam e adaptavam conceitos de gestão para a mobilização. Tendo em vista a vontade em conquistar todas as pautas, percebeu-se que era necessário abrir mão da vanguarda no intuito de manter o Comando de Greve grande para lidar com as questões, ou seja, acima de tudo estavam as pautas a serem alcançadas.

Era necessário convencer os docentes a cancelarem as aulas, isso porque nunca houvera um movimento político estudantil de tamanha força. Alguns não acatavam

as deliberações da assembleia, assim deu-se a ideia de que era preciso radicalizar, caso quiséssemos prosseguir para uma greve sólida na FCA. Íamos de sala em sala promover o diálogo, alguns deles não nos recebiam e passava a imagem de que aquilo iria morrer de inanição, pois a cultura da FCA não era de mobilização, e sim de conservação. Mas estávamos dispostos a agir mais radicalmente e não haveria desistência até que as pautas fossem alcançadas.

Tal radicalização veio por meio dos piquetes, revendo o método para cada ação isolada, já que o planejado podia diferir, em certa medida, do executado, cobrando do movimento dinâmica para agir com as adversidades apresentadas. Dividimo-nos em vários grupos para otimizarmos o tempo, e que até a primeira aula todos os piquetes estivessem montados. As divergências foram reclamadas pelos estudantes que, em sua grande maioria, acreditavam ser a forma mais pragmática para atingir as pautas. Logo foram surgindo membros de diversas organizações estudantis da Faculdade de Ciências Aplicadas e pessoas sem vínculos com estas organizações.

Todo esse movimento é observado com espanto em todas as direções da Faculdade de Ciências Aplicadas, pois ali aparentemente não havia solo para germinar uma semente de algo que seria tão chocante. A assembleia passa a ser vivenciada na faculdade enquanto espaço de troca de informações, pensamentos, opiniões e disputa dos rumos do movimento. A formação política que ali acontecia destoava de toda e qualquer atividade já realizada pela atual gestão do Diretório Acadêmico, até mesmo nas anteriores.

Era importante nivelar nosso discurso por cima, ou seja, pelos pontos que mais nos uniam, já que a dinâmica e a diferença de opiniões sobre formas de organizar, poderiam fazer ruir nossa própria greve devido a discussões pouco estruturadas. Enquanto pessoas espectadoras emancipadas cabia a nós nos retirarmos da posição de observação que examina calmamente o espetáculo oferecido, atuando de forma direta no processo de entendimento e na ação necessária (RANCIÈRE, 2012, p. 10).

Sempre estávamos ali como grupo organizado, o coletivo pelo qual fazia parte, sempre de certa forma costurando o discurso para não ceder com as dúvidas que eu

acreditava capaz de nos desestruturar. Então, era importante nos colocar de forma sólida perante os demais estudantes nos eventos e nas assembleias, assim como mostrar solidez diante da burocracia universitária. Era necessário as pessoas serem desapossadas deste controle ilusório do espectador que apenas observa, estava destinado a nós ditar os rumos da faculdade. Era preciso negar a atração para o círculo mágico da ação teatral, trocando o privilégio de observador racional pelo ator que na posse de suas energias vitais integrais possa agir (RANCIÈRE, 2012, p. 10).

Aos poucos a Greve cria sua própria dinâmica, com as ações pragmáticas ordenadas e o debate político sobre os assuntos tomando conta dos espaços e das relações na Faculdade de Ciências Aplicadas. Aparentemente a combinação deste modo de organização para o movimento estudantil da FCA foi vitoriosa, pois atendia dimensões diferentes e complementares dos desejos de diversos estudantes, ou seja, manter o direcionamento político e ao mesmo tempo experimentar conceitos passados nas salas de aula na prática.

3.3. *As Decisões Coletivas*

Começavam as negociações com as estruturas da faculdade, o Comando de Greve se reunia para dar direção às negociações, tendo vantagem política neste momento de conflito dentro da própria estrutura universitária, ou seja, vinham demandas de muitas direções ao encontro da administração central da faculdade.

Logo diversas instâncias da FCA se articularam em busca de uma resolução dos conflitos, tendo docentes usando seu poder em relação ao estudante para intimidá-los quanto à dissolução do movimento grevista, usando as plataformas oficiais da Unicamp para estabelecer contato. No entanto, o Comando de Greve utilizou dessas ameaças para expor as mensagens dos docentes nas redes sociais e elaborando cartazes, buscando constranger tal atitude, solicitando que estes docentes parassem de nos ameaçar.

As decisões passavam por meio das assembleias estudantis e plenárias do comando de greve, todas estas abertas a qualquer estudante, e era possível perceber a transformação das atividades da Faculdade de Ciências Aplicadas com

os intensos debates propostos. O instrumento da assembleia tinha como objetivo criar uma situação em que a comunidade governa, ou seja, decide seus próprios rumos e estas decisões são incorporadas nas atitudes de seus integrantes.

A greve trouxe uma desestruturação da hierarquia, levando em consideração que toda distância é uma distância verdadeira, mas que o movimento estudantil tinha em mãos um saber pragmático de suas necessidades, do que foi partilhado nas assembleias e o quanto isso nos afetava, logo “[...] cada ato intelectual é um caminho traçado entre uma ignorância e um saber, um caminho que abole incessantemente, com suas fronteiras, a fixidez e a hierarquia das posições.” (RANCIÈRE, 2012, p. 16).

Assim, o movimento de greve atingiu pautas importantes, mas não todas. A mobilização traz reflexões que há uma necessidade constante em se movimentar as ideias, sentimentos e ações. A Diretoria da FCA suspendeu a obrigatoriedade da apresentação de documento com foto na entrada da faculdade, assim como a retirada das catracas. A Reitoria ampliou as linhas de ônibus entre Limeira e Campinas, cedeu um espaço físico enquanto sede do Diretório Acadêmico, implementou o cardápio vegano no restaurante universitário e no ano seguinte, em 2017, foram aprovadas cotas raciais e sociais e reservadas vagas para indígenas no vestibular.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Gestão Ruptura em 2016 no comando do Diretório Acadêmico constitui um momento ímpar no movimento estudantil da Faculdade de Ciências Aplicadas porque construiu pela base as pautas e as conquistaram através da mobilização massiva estudantil.

Isso se dá pela sensibilidade que o Diretório Acadêmico, através da Gestão Ruptura, foi capaz de captar no ambiente da faculdade, estreitando os laços através das vivências culturais no campus, e ao mesmo tempo popularizando a entidade representativa estudantil. E também porque foi capaz de se deixar afetar pela atmosfera de mobilização em toda a Unicamp, trazendo para a FCA essa força que

tem como promessa grandes mudanças estruturais na Universidade. Ao passo que questiona a dinâmica das coisas, percebe-se que é possível transformar estas mesmas coisas, e então, potencializa o que há mais de fértil na faculdade, o modo de organização e gerenciamento dos processos.

No meu entender, estes três elementos são fundamentais para compreender o momento político ocorrido em 2016, rumo à adoção das pautas reivindicadas junto à burocracia universitária. Este momento singular imprime a capacidade de que qualquer espaço possui potencialidade de transformação a partir de sua própria reflexão do que é este espaço e como intervir nele.

Dagnino (1994, p. 1) considera diversas facetas do que é noção de cidadania, uma de suas abordagens é a maneira pela qual é construída a democracia, instrumento da transformação social e que afirma a conexão entre as dimensões da cultura e política. Pois na contemporaneidade surgem novas demandas enquanto direitos, levando em consideração elementos subjetivos do próprio ser, e que exige espaço dentro do movimento político. Esta nova constituição da dinâmica dos movimentos sociais busca dissolver a hierarquização social estabelecida ao discutir as questões de gênero e sexualidade, raciais, modos de existir, e que passa a ser central o direito de ser diferente, de ter voz dentro da sociedade democrática.

Além disso, não cabia mais o movimento estudantil aceitar o regime democrático, mas sim experienciar uma dinâmica democrática fluida, compartilhando os espaços de diálogo, escolhendo o conflito em busca do aprofundamento do diálogo e em busca de uma solução coletiva para estes desentendimentos. Percebe-se que é possível realizar esse caminho fora do Estado, do poder estabelecido pelas estruturas e ao mesmo tempo, a partir destas performances, os grupos possam formular e implementar suas políticas através do movimento, de baixo para cima, ou seja, dos movimentos sociais em direção à burocracia estatal.

O debate de cotas da Unicamp foi constituído desta maneira, através da emergência de democratização social e racial da Universidade, marcada por uma composição elitista e branca, reflexo de uma sociedade desigual e racista. Historicamente foi

essa a herança social que recebemos, porém não significa que os movimentos sociais não possam alterar esta lógica ao tocá-la e repensá-la.

O movimento estudantil pouco esperou da estrutura burocrática universitária, pois se encontram enquanto sujeitos ativos que a partir das vivências adquirem conhecimento recusando permanecer nos lugares que foram definidos socialmente e culturalmente para eles. Assim, descartam o protagonismo do Estado enquanto formulador dos programas e ocupam este espaço no ciclo das políticas públicas, formulando e pressionando, através do uso do espaço democrático a sua implementação por meio do próprio Estado, como foi a adoção das cotas sociais e raciais no vestibular da Unicamp (DAGNINO, 1994. p. 4).

Portanto, das grandes pautas alcançadas até as mais simples, todas possuem valor simbólico, pois compõem o universo das experiências, do processo do pensar e agir democraticamente e da implementação destas políticas por meio do Estado de baixo para cima, sendo assim, são transformadoras permitindo a construção da cidadania. A ação do movimento estudantil da Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp propôs uma nova maneira de pensar este espaço, as relações entre os agentes, sinalizando a emergência de compartilhar em contraposição a insistência em disciplinar (DAGNINO, 1994. p. 6).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAGNINO, E. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: _____. **Anos 90: Política e sociedade no Brasil**. Ed. Brasiliense, 1994. p. 103 – 115 (seguindo-se a numeração do texto em pdf: pág. 1 a 7).

FREITAS, M. E. Cultura Organizacional: Grandes temas em debate. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 73 – 82, 1991.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOURO, G, L. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Vozes, 1997. 179 p.

PELLEJERO, E. A lição do aluno: Uma introdução à obra de Jacques Rancière. Saberes, Natal/RN, v. 2, n. 3, p. 18 - 30, 2009.

RANCIÈRE, J. O Dissenso. In: NOVAES, A (Org). A crise da razão. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996. p. 367 – 383

RANCIÈRE, J. O Espectador emancipado. 1. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.